

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**SUBETIVIDADE E IDENTIDADE AMAZÔNICA COMO
CATEGORIAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**

BOLSISTA: Ana Cláudia Silva de Castro, FAPEAM

MANAUS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0072/2010

**SUBETIVIDADE E IDENTIDADE AMAZÔNICA COMO
CATEGORIAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**

Bolsista: Ana Cláudia Silva de Castro, FAPEAM.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa.

MANAUS

2011

Todos os direitos deste relatório são reservados a Universidade Federal do Amazonas, ao Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário, do Departamento de Psicologia e aos seus autores.

Esta pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas, Fapeam, através do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário, na linha de pesquisa “Processos Psicossociais: Identidade e movimentos coletivos”.

RESUMO

Os estudos acerca da Subjetividade e da Identidade têm sido úteis na busca de uma compreensão de como os fenômenos psíquicos se expressam em contextos culturais específicos. Nessa direção, o presente projeto teve como objetivo analisar em profundidade e qualificar, à luz dos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, a presença das categorias *Subjetividade e Identidade Amazônica* na produção científica previamente identificada em três programas de pós-graduação *strictu sensu* da Universidade Federal do Amazonas, no período de 2006 a 2008. Trata-se de uma pesquisa de caráter documental, em que buscamos apreender, numa estratégia de complementaridade, as dimensões qualitativas e quantitativas. Para isso, utilizamos como ferramenta metodológica, a Análise de Conteúdo Temática, uma proposta que trata textos densos com unidades textuais inteligíveis e com possibilidades de significação a partir do tema a que tais conteúdos se aglutinam. Entendemos que a pertinência deste estudo reside na possibilidade de a Psicologia avançar no que se refere à leitura dos fenômenos psíquicos em que a consideração da realidade histórico-cultural se configura como indispensável, bem como, ampliando os repertórios de intervenção. Por esta razão, pretendeu-se aproximar-se de áreas do conhecimento que já vem produzindo sobre o sujeito no contexto amazônico através de três programas de pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas, buscando uma leitura psicológica de fenômenos estudados sobre o viés de outras ciências, favorecendo uma ampliação do campo da psicologia e diálogo com outros saberes. Assim, as categorias que emergiram neste trabalho foram as seguintes: I. Realidade social marcada pela vivência da diversidade; II. Desvalorização de especificidades regionais/culturais; III. Valorização de especificidades regionais/culturais; IV. Contexto amazônico e relações de trabalho; V. Características geográficas da região; VI. Atribuições historicamente construídas e tidas como naturais. Relevante salientar, que em decorrência da complexidade da temática não pretendemos esgotar as diversas reflexões que a questão pode engendrar acerca de como o psiquismo se organiza em um contexto dito amazônico, permeado de sentidos e significados construídos socialmente e historicamente que ainda hoje se mostram presentes. Considerando os resultados desta pesquisa, entendemos que ainda há muito a ser feito no sentido de cooperar para que visões destituídas de um processo, naturalizantes e por isso aprisionantes sejam enfim superadas.

Palavras chave: Subjetividade e Identidade Amazônica, Psicologia sócio-histórica.

SUMÁRIO

RESUMO	4
SUMÁRIO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
DESENVOLVIMENTO.....	14
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	35
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>49</u>
REFERÊNCIAS	53

Nós vos pedimos com insistência,
nunca digam : isto é natural,
diante dos acontecimentos;
Nunca digam: isto é natural,
Para que nada passe a ser imutável.

Bertold Brecht

INTRODUÇÃO

O conhecimento científico é uma produção humana que se encontra em contínuo movimento de transformação, e no momento atual desse processo, uma das questões que tem sido discutidas, especialmente, a partir do pensamento complexo e das teorias histórico-criticas, refere-se à propriedade dos saberes ditos ‘universais’, que por um longo período predominou nas distintas ciências. Por esta razão, cada vez mais tem se observado a realização de estudos de cunho etnográfico, ancorados, sobretudo nas ciências sociais para avançar na compreensão de fenômenos cuja expressão revela-se intrinsecamente relacionada à cultura (SILVA, 2005).

Trilhando também esse caminho, todavia, considerando suas particularidades, uma temática que tem emergido na produção da psicologia social contemporânea, diz respeito aos modos de subjetivação ou como os indivíduos se constituem sujeitos. Entre suas categorias de estudo, duas tem se mostrado muito pertinentes na compreensão desse fenômeno, a “subjetividade” e a “identidade”.

A temática da subjetividade vem ganhando novos sentidos na perspectiva crítica da psicologia, e dentre os teóricos que vem se debruçando sobre o tema da subjetividade, situa-se González Rey. O qual traz como grande contribuição uma compreensão do sujeito individual inseparavelmente ligado ao curso dos processos sociais por sua subjetividade, bem como, o social como constitutivo dos processos subjetivos. Não obstante, devido à singularidade dessa subjetividade, ele representa, por meio de sua ação particular, uma opção de mudança, a qual pode assinalar o começo de novos processos de subjetivação em nível de subjetividade social (GONZALEZ REY, 2004).

A subjetividade é, ainda, compreendida a partir de duas instâncias que se constituem mutuamente: a subjetividade individual e a subjetividade social (GONZALEZ REY, 2004),

dentro de uma perspectiva dialética que inclui necessariamente o estudo da sociedade. Neste sentido, González Rey (2004) afirma: “Subjetividade social e individual são momentos diferentes de um mesmo sistema” (p.145), todavia, impreterivelmente ligados, visto, que um define a existência do outro.

O conceito de Identidade, de igual modo, trabalhado na perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, implica em processo, em metamorfose, sugerindo um constante reorganizar-se do sujeito individual imerso nas inscrições que o sujeito coletivo possibilita (BERNARDES, 2003). Um dos teóricos que tem estudado tal questão, ampliando os olhares de como se dá o processo de construção das identidades dos sujeitos, é Antonio Ciampa, o qual nos ajuda a pensar o sujeito num ininterrupto movimento de construção da sua identidade, processo este que se dá nas relações através do encontro entre o olhar do outro e o próprio olhar a respeito de si.

Nesse sentido, estas duas categorias surgem como chaves à compreensão de como o psiquismo se organiza em um contexto chamado “amazônico”, eivado de sentidos, de modos de produção historicamente construídos e compartilhados, situando os sujeitos que neste espaço vivem de “sujeitos amazônicos”.

Não obstante, quando se fala nesta temática em nosso contexto, o que conhecemos a respeito de subjetividade e identidade amazônica?

A psicologia local, por sua recente história, encontra-se ainda dando seus primeiros passos em direção a construção de um conhecimento articulado com a realidade local, no entanto, algumas áreas próximas da psicologia, já possuem uma trajetória de produção em que o homem e o espaço amazônico aparecem enquanto preocupações que impulsionam a produção científica.

Considerando a natureza complexa do fenômeno psicológico e suas interfaces com outras áreas do conhecimento bem como a existência de um legado em produção sobre o sujeito amazônico na produção local, elaborou-se a seguinte questão:

De que modo figuram as categorias de Subjetividade e Identidade Amazônica na produção científica existente nos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas?

Para responder com maior profundidade ao seguinte problema, postulou-se a continuidade da pesquisa iniciada em 2009. Pretende-se prosseguir o estudo documental e bibliográfico, privilegiando a emergência dos aspectos qualitativos do fenômeno estudado, sobre uma base que também considera a dimensão quantitativa (frequência da produção dos diferentes programas, categorias e subcategorias).

Tendo em conta, a já realização do processo de identificação e classificação prévia da produção referente ao período citado, postulou-se como **novo objetivo geral**, a saber:

- Analisar em profundidade e qualificar, à luz dos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, a presença das categorias *Subjetividade e Identidade Amazônica* na produção científica previamente identificada em três programas de pós-graduação *strictu sensu* da Universidade Federal do Amazonas, no período de 2006 a 2008.

Como **objetivos específicos** foram delineados os seguintes:

- Aprofundar os sentidos extraídos a partir das subcategorias possíveis, segundo a identificação das categorias subjetividade e identidade amazônica na produção científica levantada;
- Construir um quadro demonstrativo da produção científica em três programas de pós-graduação na Universidade Federal do Amazonas a partir do recorte metodológico e do recorte conceitual;

- Construir um quadro de distribuição da produção dos programas estudados, a partir das subcategorias identificadas e das relações entre os conceitos de subjetividade e identidade amazônica segundo as perspectivas teóricas em Psicologia.

Se em uma perspectiva universalizante e até pouco tempo hegemônica na Psicologia, o psíquico era concebido como natural, este é concebido, agora, na ótica de uma compreensão histórico-cultural, que fuja das naturalizações presentes em diversas teorias psicológicas (GONZALEZ REY, 2007). A afirmação de que a Psicologia Sócio-Histórica concebe o homem como um ser ativo, social e histórico remete à dimensão da cultura onde está as possibilidades da humanidade necessária para que o homem se torne humano (AGUIAR, 2002). Neste sentido, a compreensão do psiquismo, as propostas interventivas voltadas aos sujeitos individuais ou coletivos, exige este conhecimento da realidade histórica que está profunda e dialeticamente implicada na constituição do psiquismo, como cita a autora:

“O homem ao construir seus registros (psicológicos), o faz na relação com o mundo, objetivando sua subjetividade e subjetivando sua objetividade. O psicológico se constitui, não no homem, mas na relação do homem com o mundo sociocultural”(AGUIAR, 2002, p.96).

Quando nos referimos ao cenário local, observamos a recente história da Psicologia no Amazonas tanto na esfera da formação profissional como na produção científica. Há menos de duas décadas implantou-se o primeiro curso de formação de psicólogos na capital do Estado, sendo seguido pelo segundo curso de graduação, este na Universidade Federal do Amazonas, ainda em meados da década de 1990 (COSTA, 2001). Estes eventos coincidiam com um movimento nacional de reformulação da proposta de formação em psicologia, culminando da DEPES/SESU/MEC intitulado “Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Psicologia” (COSTA, 2001). A ampla discussão nacional exigiu reforma não somente das estruturas curriculares, mas dos projetos político-pedagógicos dos cursos

existentes e daqueles em fase de implementação, como era então o curso da Universidade Federal do Amazonas. Após profundas reflexões e reformulações da proposta curricular, aprovou-se por fim um projeto pedagógico que apontava para a necessidade e o compromisso de uma formação que, embora conectada com as bases universais da ciência psicológica, pudesse avançar na produção do conhecimento e das demandas locais, visando a promoção da saúde, qualidade de vida e desenvolvimento de potencialidades de indivíduos, grupos e populações no contexto do estado do Amazonas (COSTA et. al., 2001)

O contexto onde a formação de novos psicólogos passou a se dar na região norte do país trazia, juntamente com o avanço das reflexões acerca do compromisso social da Universidade Federal do Amazonas na construção do conhecimento e formação de quadros profissionais capazes de atuar tendo em vista a realidade imediata, apresentou-se como um desafio aos profissionais – professores, supervisores, pesquisadores – que, a partir de então, tomavam como referência uma perspectiva histórico-social, compreendendo o fazer e o fazer-saber como práticas inseridas na materialidade e historicidade dos indivíduos e coletividade, sempre orientadas a alguns fins (COSTA, 2002). Assim sendo, o olhar sobre o sujeito que nessa região se constitui, seus modos de organização de vida coletiva, os processos psicológicos como adoecimento, saúde, educação, sexualidade, identidade, trabalho, produção de sentido, passam a receber particular atenção no intuito de se perceber aquilo que ressalta como peculiar ou afeita à questão da constituição psíquica no contexto amazônico. Contudo, em termos de produção científica – investimentos em pesquisa e difusão de um novo saber constituído -, pouco se avançou no interior da própria área da Psicologia no estado do Amazonas.

No ano de 2005, por ocasião do I Congresso Latino Americano de Psicologia (ULAPSI) ocorrido na cidade de São Paulo, Costa (2005) organizou um debate em torno do tema “Subjetividade e Cultura no Amazonas: desafios à Psicologia no Admirável Mundo

Verde”, visando a constituição de um espaço dialógico no qual os desafios com os quais professores e pesquisadores da UFAM vinham se deparando. O “mundo verde” assim designado por Costa surgiu como imagem não apenas das fortes representações que remetem o Estado do Amazonas à questão da ambiental e ecológica sob os parâmetros tradicionais (sem a inclusão do sujeito como inerente ao conceito de ambiente); o termo remetia, também, ao “verde” campo relativo aos fenômenos psicológicos e psicossociais relacionados à região. A ocasião revelou-se oportuna e de interesse na temática proposta pelo ULAPSI, envolvendo discussões acerca da Identidade Amazônica, Escola e Violência, Subjetividade e Trabalho, Organização Familiar.

Entendemos, então, que a relevância do presente trabalho está em apresentar uma nova possibilidade de compreensão do sujeito e de sua realidade, em que se respeite a historicidade de tais processos, assim como, as particularidades do contexto em questão; além disso, o estudo da presente temática representa um avanço e a possibilidade de ampliar a produção de conhecimento da Psicologia local. Logo, espera-se contribuir para maior compreensão dos fenômenos psicossociais que envolvem o contexto amazônico, a luz de teorias que se assentam em campos da psicologia, de uma psicologia que se pretende crítica e aberta para construir-se e desconstruir-se nas práticas sociais e a pesquisa entendida como tal é um espaço rico de assim se realizar tais possibilidades. Deste ponto de vista portanto o presente trabalho corrobora para uma leitura teórica sobre a produção do fenômeno identitário e da produção subjetiva no contexto pesquisado.

Por outro lado, esta investigação entendeu-se como relevante do ponto de vista das interconexões possíveis de serem realizadas das áreas do saber e a instauração de uma práxis derivada da articulação dos conhecimentos mais globais da psicologia aos produzidos sob o olhar das especificidades histórico-sociais. Ou seja, desde estratégias de intervenções profissionais que possam se subsidiar para fins de construção de espaços comunitários,

institucionais, familiares e de trabalho que sejam geradores de saúde, do ponto de vista de uma saúde que não se desvincula da atribuição valorativa que os atores sociais dão a esta dimensão. Igualmente é possível que as conclusões feitas neste trabalho também subsidiem no que couber a efetivação de políticas que promovam espaços democráticos de convivência ou a criação de marcos políticos legais que construam para este fim, no contexto das identidades e subjetividades locais.

No que se refere a natureza deste trabalho, esta investigação refere-se a uma pesquisa documental, em que a metodologia permita revelar os aspectos quantitativos e qualitativos do fenômeno estudado, em vista disso, foi adotado à luz de Bardin (1977), o método de Análise de Conteúdo Temático.

Este relatório está dividido em quatro momentos: uma parte introdutória, já realizada (acima), que apresenta uma noção geral do trabalho bem como seus objetivos e justificativa, além de contemplar as fronteiras do campo de estudo. Em seguida, é feita uma exposição da fundamentação teórica e metodológica da pesquisa. Os resultados são expostos e discutidos a seguir. E, por fim, conclui-se com algumas considerações acerca do projeto desenvolvido.

DESENVOLVIMENTO

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A psicologia social em sua configuração atual nos convida a lançar novos olhares acerca da constituição do sujeito e de seu mundo psicológico, baseada, sobretudo, em uma perspectiva crítica, que entende ser a historicidade e a realidade social, aspectos indispensáveis para se buscar uma compreensão complexa dos sujeitos, subjetividades e identidades.

Nesse sentido, pensar como o psiquismo se organiza em um contexto chamado amazônico, exige da psicologia local, não mais um olhar universalizante e generalista, em vez disso, um olhar que leve em conta as peculiaridades sócio-históricas do contexto em que estamos nos constituindo e de igual modo construindo.

O nosso olhar então, no decorrer da produção desse trabalho, orientou-se e articulou-se pela perspectiva crítica da psicologia sócio-histórica, bem como de suas categorias subjetividade e identidade, dialogando ainda com a psicologia da libertação de Martín-Baró, tudo isso, sem deixar de considerar os distintos lugares em que nos situamos na configuração atual de nossa sociedade, transitando num espaço ora local, e nesse caso um espaço denominado amazônico; ora global, um espaço social mais amplo, em que destaca-se um movimento de homogeneização.

Psicologia sócio-histórica: o lugar de onde falamos

A Psicologia Sócio-histórica, embasada na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski (1896-1934), e se contrapondo a uma Psicologia até então dominante, que tem suas perspectivas fundadas no pensamento moderno, surge como uma possibilidade de superar as visões dicotômicas até então presentes na Psicologia: interno/externo; psíquico/orgânico; comportamento/vivências subjetivas; natural/social; autonomia/determinação (BOCK, 2009).

A partir disso, se anteriormente a compreensão do homem se dava através de uma perspectiva mecanicista, determinista e apriorística, nesse momento, é concebido atrelado ao contexto em que está inserido, enquanto ser que é ativo, mas também é social e histórico, e de igual forma, sua história singular de vida, não pode ser desconsiderada.

O impacto dessa nova forma de ler os fenômenos psicológicos também afeta e amplia os olhares acerca da realidade em que estamos imersos, assim se começa a pensar:

A sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material. As idéias, como representações da realidade material. A realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas idéias. E a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de idéias, incluindo a ciência e a psicologia (BOCK, 2001, p.17-18).

Os pressupostos epistemológicos dessa “recente” Psicologia podem ser localizados no materialismo histórico e na lógica dialética, em que o indivíduo emerge enquanto uma expressão concreta da totalidade histórico-social, bem como, produtor de tal realidade (LANE, 2006). Fundamentada então no marxismo, a Psicologia Sócio-Histórica, apresenta-se como uma perspectiva crítica, pois propõe a superação da postura positivista e idealista que marcou a Psicologia enquanto ciência, e adota o materialismo histórico e dialético como método (BOCK, 2009). Esse novo posicionamento contribui para a construção de uma Psicologia que entende a realidade social e o homem em permanente movimento e numa relação constante de reciprocidade, em que um constitui o outro.

Segundo Lane (2006), autora que contribuiu grandemente para a transformação da Psicologia social brasileira, a condição social e histórica do homem é uma dimensão imprescindível, portanto, não pode ser descartada, sob o perigo de se ter uma visão distorcida (ideológica) de seu comportamento. Deste modo, o homem é visto como produto e produtor, tanto de sua história pessoal quanto de sua sociedade, e não pode ser compreendido descolado do contexto em que vive.

Diante desta breve contextualização histórica, é possível adentrarmos na parte conceitual que fundamenta o presente estudo, compreendendo que as categorias aqui utilizadas são resultado de um processo histórico e se mostram de grande relevância para entender o processo de constituição do sujeito e da sociedade.

Subjetividades em processo

A partir da filosofia moderna do sujeito e do existencialismo associado a qualidades intrínsecas da natureza humana, a subjetividade foi inteiramente retirada do vocabulário das ciências sociais. Assim, o que se observou foi a negação do subjetivo enquanto natureza humana por diversas perspectivas desenvolvidas no século XX. Além disso, o termo subjetivo começou a ser ligado a erro e distorção, sendo um outro fator que contribuiu para esse afastamento do domínio da ciência (GONZÁLEZ REY, 2004). Esse cenário só viria a se transformar com a Psicologia Soviética:

A representação dialética dominante nos primórdios da psicologia soviética, que representava uma dialética em movimento, comprometida com a mudança e o novo, permitiu o desenvolvimento progressivo de uma representação da psique que foi integrando em sua interdependência o diferente, para finalmente produzir uma nova definição ontológica do subjetivo: a produção de sentidos (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 124)

Essa nova categoria possibilitou compreender a psique humana em sua especificidade e reconhecer o caráter subjetivo dos processos sociais. Desse modo, a dicotomia objetivo-

subjetivo, que caminhava juntamente com a dicotomia interno-externo, é superada. E, com isso é possível o resgate da **subjetividade** enquanto categoria.

Optar pelo conceito de subjetividade implica em conceber a psique em uma perspectiva cultural, afastada do caráter positivista e essencialista que impregnou a maioria das teorias psicológicas. Neste sentido, a representação da psique pode ser visualizada em uma nova dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética (GONZÁLEZ REY, 2005).

González Rey (2004) nos leva a compreender que a subjetividade autoriza uma reestruturação da psique individual, mas, também das diversas formas de produção psíquica, as quais se revelam indissociáveis dos cenários sociais em que o sujeito vive, bem como da cultura. Ressalta ainda, que a cultura é uma produção diferenciada que aponta como se deu os processos de subjetivação que direcionaram a ação humana nos vários momentos e ambientes em que passaram, além do que é igualmente uma produção subjetiva que manifesta o homem e seus modos de existência em cada momento histórico e em cada sociedade concreta.

A subjetividade foi e ainda tem sido, com certa frequência, relacionada a processos que ocorrem no mundo interno do indivíduo. Não obstante, seguindo uma perspectiva crítica da psicologia social, o teórico González Rey (2005) compartilha outra opinião acerca desse conceito:

[...] a subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento (pp. 36-37).

A respeito da produção da subjetividade, González Rey (2004) afirma que esta se estabelece em todos os espaços da vida social do homem, portanto, podemos falar em espaços diferentes de subjetividade para identificar esses lugares. Destarte, o sujeito, que foi sendo subjetivamente constituído ao decorrer de sua história, vai desenvolvendo em cada atividade presente, processos de subjetivação. Assim, os sentidos subjetivos gerados nessas atividades

vão formando subjetivamente as seguintes, “...em um processo permanente de integração, organização e mudança que tem que ser captado em seu caráter processual” (p.127).

O autor defende ainda a existência de dois momentos indispensáveis na construção da subjetividade – individual e social -, os quais, ao decorrer do desenvolvimento vão se constituindo de modo recíproco.

A respeito da subjetividade individual, González Rey (2005), expressa que essa é estabelecida no social, em um processo de constituição que envolve concomitantemente as subjetividades social e individual, ressaltando que esse processo não segue, de modo algum, um determinismo linear externo, do social ao objetivo. Ou seja, o indivíduo e o social, não podem ser estudados isolados um do outro, pois tanto o indivíduo constitui a subjetividade social, como igualmente, se constitui nela.

No que se refere à subjetividade social, o teórico, apresenta-nos como “[...] um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social” (2003, p. 202). Sob esse prisma, os processos sociais adquirem uma nova posição e passam a ser visualizados enquanto processos que estão implicados “[...] dentro de um sistema complexo, a subjetividade social, da qual o indivíduo é constituinte e, simultaneamente, constituído” (2003, p.202).

Nesse sentido, é relevante destacar que a construção social do indivíduo não segue uma trajetória universal, ao contrário, é um processo desigual, diferenciado, pois depende das diversas possibilidades que as relações entre o indivíduo e o social podem engendrar.

Diante disso, González Rey (2005), principal referência na compreensão dos processos de subjetivação na psicologia sócio-histórica, acredita que as subjetividades social e individual formam dois níveis que se completam para definir qualitativamente o subjetivo. Além disso, são, ao mesmo tempo, [...] momentos constantes de tensão e contradição que

atuam como força motriz do desenvolvimento em ambas as instâncias da subjetividade” (2005, p.37).

Podemos então compreender a subjetividade enquanto um sistema em constante desenvolvimento, processual, plurideterminado, contraditório, dotado de sensibilidade à qualidade de seus momentos atuais e que possui um papel fundamental nas diversas escolhas que o sujeito faz.

Identidade: unicidade e multiplicidade

Outra categoria que iremos discutir é a **identidade**, a qual se mostra de grande relevância, principalmente, na psicologia social brasileira contemporânea, mas igualmente, já foi interesse de outras áreas, tanto relacionado ao estudo quanto às artes em geral.

O desenvolvimento do conceito de identidade tem como ponto de origem o Iluminismo e à medida que a questão da individualidade passa a ser discutida, o tema vai adquirindo espaço e importância no decorrer do percurso do conhecimento humano.

O termo identidade, do latim escolástico, *identitate*, refere-se à qualidade de idêntico. O que pode indicar uma das possibilidades de tal questão, apresentar historicamente, uma compreensão que remete à essência. A pós-modernidade, em contrapartida, entende que a identidade não é estática ou imutável, mas, que o sujeito é dotado de múltiplas identidades (Mendes; Paulino-Pereira; Soares, 2008).

Procurando apreender a identidade em um significado mais abrangente – as “metamorfoses humanas”, a diferença, a singularidade – surgem diversos estudos que visam compreender a identidade nesta perspectiva, e não apenas a igualdade do sujeito, que o termo sugere (FERREIRA, 1995, p.349 *apud* PEDRO).

Em seu artigo *O estudo da identidade no âmbito da Psicologia Social Brasileira*, Pedro (2005) fundado na perspectiva crítica da psicologia sócio-histórica propõe uma reflexão acerca das especificidades da categoria identidade, apontando o estudo da identidade como uma possibilidade de compreender o homem em sua totalidade, para que a visão dicotômica que se tem do ser humano seja, enfim, superada.

O sujeito, enquanto integrante da sociedade manifesta sua forma de ser no mundo, ao mesmo tempo que a interioriza, através dos processos de socialização primária e secundária (Berger & Luckmann, 1966/2002 *apud* Coutinho; Krawulski; Soares, 2007). A socialização primária seria, portanto, a imersão da criança em um mundo social, tido como exclusiva probabilidade de existência, isto é, não o concebe como um universo possível dentre vários; a segunda, estaria relacionada ao estabelecimento de uma aprendizagem especializada, ou seja, a imersão em um universo de símbolos definidos e constituídos com referência a um campo especializado de atividades (BERGER e LUCKMANN, 1983 *apud* SETTON, 2005).

Deste modo, Setton (2005) destaca que a leitura que Berger e Luckmann propõem acerca do processo de socialização, apesar de ainda estar vinculada à uma visão culturalista da socialização, representa um avanço em relação a teorias anteriores, visto que permite conceber a socialização sob o prisma da mudança social.

Variados autores fazem uma associação entre o estudo da identidade e esses processos de socialização, os quais são pensados como “[...] processos psicossociais através dos quais o indivíduo se desenvolve historicamente como pessoa e membro de uma sociedade” (Martin-Baró, 1985, p. 115 *apud* Coutinho; Krawulski; Soares, 2007), produzindo como processos inseparáveis suas identidades pessoal e social.

Ao inserir o conceito de Identidade enquanto questão teórica na Psicologia Social, Ciampa (1993) discute uma nova concepção dessa categoria e declara: “Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um

projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais” (p. 127 *apud* PEDRO).

Na perspectiva da Psicologia sócio-histórica, a identidade diz respeito à forma que o indivíduo representa e produz sentimentos a respeito de si e, de igual modo, às percepções construídas socialmente a partir de sua história pessoal e atributos, conferidos por ele e pelo outro. Ciampa (2006) corrobora essa visão ao declarar: “[...] a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele [...]” (p. 59), ou seja, trata-se de uma construção social, em que o sujeito vai se constituindo através do meio que está inserido e de suas relações. Faz-se relevante salientar, que ao usar o termo refletir, não estamos empregando-o no sentido especular, mas na perspectiva de que ocorre uma construção mútua.

Ciampa (2005), em sua tese de doutoramento *A Estória do Severino e a História da Severina*, nos revela a complexidade da categoria identidade ao discuti-la a partir das influências do materialismo histórico de Hegel, Marx e Habermas. O autor apresenta a identidade enquanto um constante processo de metamorfose, “[...] morte-e-vida é um outro nome para identidade” (p.16), cuja dimensão relacionada ao tempo abrange diferentes momentos.

Num primeiro momento da obra citada acima, o autor, nos fala que a formação da nossa identidade tem início com o nome próprio, do sujeito, o qual é apenas uma representação desta. Não obstante, a partir daí, vai assumindo outras possibilidades de predicação, especialmente, os papéis, os quais podem ser melhor expressados pela forma *personagem*. Neste primeiro nível, a identidade aparece como “[...] um traço estático que define o ser” (p.135). Entretanto, o indivíduo é uma personagem ativa, explicado por proposições verbais, “[...] ele é o que faz” (p.135). O qual passa a ser visto como atividade e relação, e não mais isolado. A identidade surge como articulação entre diferença e igualdade, um exemplo é o nome na família, em que o prenome nos diferencia de nossos familiares, e

simultaneamente, nosso sobrenome nos iguala e nos identifica enquanto membro desta família.

Ciampa (2005) coloca uma questão muito importante ao destacar que “[...] o real é sempre movimento, transformação incessante, não deveria nem mesmo atrair nossa atenção uma afirmação como essa, que identidade é metamorfose [...]” (p. 148). Nesse sentido, se a categoria identidade é colocada como objeto de estudo é devido a, com alguma frequência, ainda aparecer como “[...] não-metamorfose, como não movimento, como não-transformação”; daí decorre a relevância de sua investigação, desvelar seu caráter de metamorfose.

A conservação da mesmice, aparentando uma não-mudança, seria o que o autor denomina não-metamorfose. Esta condição é marcante em momentos ou sociedades em que a possibilidade de transformação é impedida, expropriada. Com isto, o que se está querendo esclarecer é que esta posição de inalterabilidade leva a uma concepção a priori de um ser-posto, em que não se percebe a temporalidade da identidade, mas o homem enquanto “[...] um ser sempre idêntico a si mesmo na sua permanência e estabilidade” (p.164).

Com o intuito de evitar o engano de pensar a identidade como uma questão que se coloca constantemente de modo igual, tem-se que considerar a estrutura social e o momento histórico, os quais formam com o indivíduo uma intrincada rede de relações. Os padrões de identidade, então, são oferecidos pela estrutura social mais ampla. A esse respeito, Ciampa (2005) comenta:

Esse jogo de relações múltiplas que estrutura as relações sociais é mantido pela atividade dos indivíduos, de tal forma que é lícito dizer-se que as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social, ao mesmo tempo que reagem sobre ela, conservando-a (ou transformando-a)” (p. 171).

O autor, enfim, conclui sua tese de doutoramento substituindo a expressão morte-e-vida pela, vida-morte-e-vida, mais apropriada, pois “[...] só há morte porque há vida antes [...]”

a morte mesma é um momento da vida; a morte é o outro da vida; o outro outro é vida!” (p.242). Esse pensamento expressa o permanente movimento da identidade, a morte simbolizando a possibilidade de transformação, metamorfose.

A identidade é um conhecimento que diz respeito a nós mesmos. Assim, a identidade é “uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una. [...] uma unidade de contrários, [...] uno na multiplicidade e na mudança” (CIAMPA, 2006, p. 61). Essa compreensão de identidade demonstra o quanto essa categoria, apesar de apresentar particularidades, não se mantém estática.

No que se refere à questão da identidade, outra autora que pode contribuir grandemente para se pensar a temática e enriquecer o diálogo, é a socióloga Bader Sawaia (2007), a qual propõe uma reflexão acerca do uso referencial da identidade nos estudos da dialética da inclusão/exclusão.

De acordo com a autora, a identidade tem um sido um tema recorrente ao se analisar os problemas sociais, não obstante, possui um subtexto paradoxal, em que a identidade, aparentemente, abriga duas concepções antagônicas: a identidade transformação/multiplicidade e a identidade permanência/unicidade. Todavia, ressalta que tanto uma não é melhor que a outra, quanto uma não anula a outra, desse modo, “[...] a tensão entre ambas permite conceber identidade como “identificações em curso”, isto é, identidade que, ao mesmo tempo que se transforma, afirma um modo de ser” (SAWAIA, 2007, p. 121).

Nesse sentido, o problema não está na existência simultânea do *repor a mesmice* (CIAMPA, 1987 *apud* SAWAIA, 2007) com o “vir a ser”, e sim quando não se considera a dialética entre eles e com o intuito de discriminar, excluir e dominar nas relações de poder se instaura uma fetichização de um desses pólos.

À vista disso, enfatizar um dos extremos em prejuízo do outro não seria o melhor caminho, pois a permanência no igual a si pode enveredar para a exclusão e discriminação,

assim como se acomodar na perspectiva da multiplicidade pode incidir em um relativismo sem qualidades. Nesta perspectiva, Sawaia (IDEM) expressa:

[...] identidade, sem abrir mão de seu modo de ser, acolhe a multiplicidade em encontros afetivos, que geram prazer, alimentados pela diversidade e sem temer o estranho. Torna-se modelo de intersubjetividade na promoção não destrutiva da vida em comum, mantendo acesa a possibilidade da política criar formas de solidariedade entre diversos através de encontros crioulos (SAWAIA, 1997 *apud* SAWAIA, 2007, p. 126)

Temos realizado algumas aproximações com as ciências sociais e dentre os autores, citamos Hall (2005) para nos auxiliar em nossa trajetória:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (p.13).

Nesse sentido, o autor também coloca que ocorreu uma mudança conceitual, pois se no iluminismo o sujeito era concebido enquanto dotado de uma identidade estável e fixa, com a pós-modernidade, ou ainda modernidade tardia, ocorre um descentramento do sujeito que resulta em identidades fragmentadas, abertas, inacabadas e contraditórias. O que nos leva a questionar a idéia de uma identidade amazônica fixa, fechada, estável e nos sugere a complexidade dos sujeitos e da realidade em questão.

Agora que já situamos um dos lugares teóricos de onde falamos e que por isso ilumina o nosso olhar, cabe, localizar um outro lugar, o cenário que materialmente mas também imaterialmente nos situamos, e do qual somos produtos mas também produtores.

Amazônia: que lugar é esse?

Não há dúvidas que falar sobre a Amazônia, é algo bastante desafiador, visto, que o termo nos remete a um complexo e emaranhado de sentidos e significados produzidos socialmente e historicamente, carregados de biologismos, geografismos e dualismos (ALMEIDA, 2008).

É notável, ainda nos dias atuais, apesar de tanto se falarem acerca da região, a presença de discursos e olhares permeados de “[...] pré-noções e de autoevidências e na qual são muitos os pontos de vista colidentes, antes mesmo de cada fala” (IDEM, p. 16). Muitos desses olhares e discursos se encontram carregados de uma perspectiva ora naturalizante acerca de seus habitantes e seus modos de ser, estar e produzir, e que por isso, estigmatizante, ora exaltante, acerca de seus atributos naturais (florestas, rios) e por isso idealizada.

Este lugar de onde e do qual falamos, configura-se enquanto um espaço que historicamente tem produzido e de igual forma tem se constituído, principalmente, através da pluralidade social. A esse respeito Chaves & Rodrigues (2007) afirmam:

A Amazônia é ocupada por uma diversidade de grupos sociais que foram historicamente constituídos nos vários momentos que compuseram o processo de colonização ocorrido na região. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o homem amazônico é hoje resultado de muitos intercâmbios, entre diferentes povos e etnias. Os diferentes segmentos sociais que habitam a hinterlândia amazônica são resultado de um processo de colonização proposto e imposto para a região” (p. 143)

Nesse sentido, configura-se muito mais do que um espaço físico, mas, surge enquanto um complexo sistema de relações humanas, sociais, políticas construídas historicamente. Em que tentativas de compreendê-la, assim como seus atores, não podem ser afastadas desses elementos.

Pensando nos limites entre o global e o local

No desenvolvimento do projeto em questão foram surgindo algumas evidências da necessidade de tocarmos a temática de uma cultura global que hegemônica e que na configuração atual difunde valores numa velocidade considerável assim como as fronteiras já não são mais impeditivas do estabelecimento de contatos, trocas.

Nesse processo de globalização acelerado, e fazendo uma analogia com um fenômeno natural da região amazônica, a pororoca, assistimos tal qual esta, a cultura global com seus ideais capitalistas, arrastando por onde passa as expressões culturais e subjetivas específicas de vários cenários, forjando com isso novas subjetividades e identidades que sejam convenientes para a sua sobrevivência.

Em um dos trabalhos analisados, Freire (2006) utiliza o termo pororoca para se referir ao processo de reflexões produzidos com a pesquisa no pesquisador, assim esclarece que tal fenômeno “ocorre no rio Amazonas, onde as águas, com tal força criam ondas impetuosas que invadem rio acima, destroem as margens arrastando tudo que há pela frente” (p. 43).

Osório (2009) nos chama atenção ao fato de que a psicologia, na sociedade neoliberal, transmuta-se em uma ferramenta de manutenção do paradoxo da inclusão através de propostas de integração, que na verdade acabam por excluir. Afirma ainda que os fenômenos como a globalização e a agudização da diferenciação social tornam-se faces de uma mesma moeda. Cita ainda Corominas (2009), para ilustrar como os meios de comunicação ajudam a difundir gostos e hábitos mundiais, insistindo numa diversidade, que ao enfatizar a identificação cultural não pensa a identidade local, muito menos tradições perdidas.

Hall (2005) nos ajuda em tais questões ao tratar da relação entre a globalização e as identidades. Assim, o autor cita McGrew (1992) para esclarecer que globalização “se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado” (p.67).

As fronteiras então permeáveis e de fácil acesso favorecem um grande fluxo de trocas de informações, difusão de elementos culturais, assim como, produzem transformações a nível das subjetividades e identidades.

A esse respeito, não podemos deixar de mencionar que tal fenômeno produz transformações em distintas dimensões, criando também mudanças sociais. Desse modo, tais *mudanças culturais globais* não permitem que a vida local saia incólume dessa rede de relação, pois ainda que se vislumbre uma tendência à homogeneização cultural, tal recurso pode resultar em um hibridismo que apesar de sintetizar elementos das diversas culturas em jogo, não pode ser reduzido a uma em específico, o que é conhecido como sociedades multiculturais (GUARESCHI; MEDEIROS; BRUSCHI, 2003).

Todavia, apesar de estarmos situados historicamente nesse contexto mais amplo, não podemos deixar de nos posicionar e questionar os possíveis impactos desse processo, não somos contra transformações, até por que nosso referencial nos leva a trilhar esse caminho, somos contra ao não respeito às singularidades em processo, que diante de padrões opressores, diferenças culturais não são pensadas como tais, mas para estigmatizar, marginalizar.

Pensar o impacto de tais questões no processo de construção de subjetividade e identidade na realidade amazônica nos leva ao encontro de um processo mais amplo que afeta não apenas o cenário local, mas de igual modo, outros cenários em que culturas tradicionais e globalizadas se expressam.

Contribuições da Psicologia da Libertação na busca de novos horizontes para a Psicologia local

Antes de apresentarmos as contribuições da Psicologia da Libertação, faz-se necessário uma breve menção ao seu idealizador, ressaltando que tal trabalho surge das inquietações de Baró diante de um contexto sócio-histórico (El Salvador) de contradições sociais explosivas e de grande pobreza, assim como, de seu compromisso para transformação social (LACERDA JUNIOR & GUZZO, 2009).

Martín-Baró foi assassinado de forma brutal pelas forças paramilitares no ano de 1989. Ele defendia a denúncia de injustiças sociais através do desenvolvimento de pesquisas, por meio de uma reflexão crítica acerca da realidade. Esteve em contato no processo de sua formação além da psicanálise, do existencialismo e do marxismo, com a Teologia da Libertação, teorias da dependência, Paulo Freire entre outros (IDEM, 2009).

Assim, de acordo com Ratner (2009), a Psicologia da Libertação, ancorada na obra de Martín-Baró, tem que ser uma Psicologia cultural que favorece mudanças sociais para humanidade:

Faz isso identificando e criticando as influências culturais destrutivas que criam fenômenos psicológicos debilitadores e identifica e promove as influências culturais benéficas que criam fenômenos psicológicos de realização. A Psicologia cultural é a melhor abordagem para conseguir realizar essas análises, pois enxerga os fenômenos psicológicos como reflexos e originários dos fatores e processos culturais” (p. 305)

Nessa direção, o psicólogo ao estudar os efeitos e fatores de processos culturais pode contribuir nos processos de transformação, para a libertação das pessoas de sentidos e significados opressores de subjetividades e identidades.

A Psicologia cultural adota como base conceitual o trabalho de Vygotsky, especificamente, a teoria da atividade, que inspirado em Marx, enumera três fatores culturais na organização dos fenômenos psicológicos, a saber: atividades, artefatos e conceitos, sendo o primeiro fator predominante sobre os outros.

Diante disso, passamos a dar maior importância as atividades e conceitos culturais, visto que eles também estão envolvidos na organização psíquica dos sujeitos. Essa posição teórica, então, enriquece nosso olhar e contribui para uma compreensão complexa dos sujeitos.

Em síntese, ressaltamos que as categorias assumidas, subjetividade e identidade, apresentam-se de fundamental importância para o estudo do sujeito em suas diversas dimensões e contradições, sem desprezar, nem priorizar uma em detrimento da outra e considerando sua complexidade inerente.

Ao estudarmos as produções teóricas que dizem respeito ao homem amazônico e seus modos de existência e produção, é possível acessar não apenas a produção simbólica contextual como também os sentidos produzidos, revelando aspectos relativos à organização da sociedade em seu momento atual (GONZÁLEZ REY, 2004).

2. METODOLOGIA

O estudo em questão adotou uma estratégia de complementaridade metodológica na aproximação ao fenômeno, buscando apreender tanto suas dimensões quantitativa quanto qualitativa. Em relação aos aspectos quantitativos, o foco residiu na possibilidade de apresentar dimensões numéricas do fenômeno, de modo a oportunizar a visualização do mesmo em termos de sua incidência, prevalência em relação a seus múltiplos aspectos. O levantamento das categorias Subjetividade e Identidade no material produzido nos programas citados sofreu distribuição de frequência estatística simples (não-paramétrica). O objetivo do tratamento estatístico proposto aos dados levantados é subsidiar a construção dos quadros demonstrativos propostos nos objetivos específicos, os quais constituirão base para alguns aspectos da análise qualitativa.

Por outro lado, a proposta qualitativa referente aos procedimentos metodológicos do presente estudo reside na utilização do método de Análise de Conteúdo, tal qual proposto e sistematizado por Bardin (1977). Este método revela-se particularmente útil no manuseio de uma grande quantidade de material escrito, visando a emergência de categorias e subcategorias. O método pressupõe a adoção de etapas a serem explicitadas em tópico posterior. A adoção de um método misto teve o intuito de atender a uma dupla necessidade: *quantificar e organizar* em termos de frequência e prevalência a produção relativa aos três programas, segundo a temática proposta e *qualificar* esta produção, segundo as articulações possíveis com as teorias psicológicas.

2.1. LOCAL E DADOS DA PESQUISA

Por se tratar de um segundo momento junto às produções científicas dos programas selecionados, trabalhamos agora diretamente com as dissertações e artigos anteriormente selecionados que entendemos estar relacionados com a temática proposta.

As produções (dissertações e artigos) analisadas referem-se a três programas de pós-graduação *strictu sensu* da Universidade Federal do Amazonas, elencados na pesquisa anterior, considerando alguns critérios como: ter uma trajetória consolidada há mais tempo na instituição, portanto, com um legado de produção a se considerar e, também, por proximidade de área – ciências humanas e ciências sociais aplicadas.

Assim, os cursos contemplados no presente estudo possuem, portanto, histórico de produção científica (formação de mestres e doutores, produção de dissertações, teses, artigos e relatórios de pesquisa) há pelo menos 3 anos, ou ainda, apresentam estudos e reflexões que se aproximam da área que estamos investigando, são eles: Programa de Pós-graduação em Educação, Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia e Programa de Pós-graduação em História.

O acesso ao material deu-se através de contato junto aos programas, ou ainda, através de consulta à biblioteca da UFAM, assim como por meio de busca na internet ou compra de revistas produzidas pelo programa.

Diante do exposto, faz-se necessário uma breve apresentação de cada programa selecionado:

O Programa de “Pós-Graduação em Educação” foi criado em 1986, e tem como objetivo promover a competência científica no campo da educação na formação de docentes e pesquisadores através de uma proposta centrada nas questões e nas necessidades da Região Amazônica em torno do núcleo temático “Educação, Culturas e Desafios Amazônicos”, o qual articula as seguintes linhas de pesquisa:

Linha 1 -Processos Educativos e Identidades Amazônicas

Linha 2 - Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional

Linha 3 - Formação e Práxis do(a) educador(a) frente aos desafios amazônicos

Linha 4 - História da Educação na Região Amazônica (<http://www.ppge.ufam.edu.br/>, 2009).

O programa “Sociedade e Cultura na Amazônia”, teve início em 1998, com o mestrado e, em 2008, passou a oferecer a formação em nível de doutorado. O programa visa ser uma resposta ao desafio de compreender a Amazônia considerando questões como a sustentabilidade e especificidades culturais, étnicas, históricas, econômicas e sociais. Reune 3 linhas de pesquisa a saber:

Linha 1- Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais

Linha 2 - Redes, Processos e Formas de Conhecimentos
Processos socioculturais

Linha 3 - Processos Sociais, Ambientais e Relações de Poder
(<http://www.ppgsca.ufam.edu.br/apresentacao.html>, 2009).

O Programa de “Pós-graduação em História” da Universidade Federal do Amazonas, iniciado em março de 2006, apesar de não priorizar em sua abordagem os aspectos regionais vem contribuir para a dinamização e difusão de pesquisas com o enfoque amazônico. Está estruturado através da Área de Concentração “História Social”, desenvolve três linhas de pesquisas distintas:

Linha 1 - Cultura e Representações

Linha 2 - Migrações, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia

Linha 3 - Política, Instituições e Práticas Sociais

(<http://www.ppge.ufam.edu.br/apresentacao.html>, 2009).

Considerando o exposto, é possível visualizar quão os programas e suas respectivas linhas de pesquisa contemplam, imediatamente, questões que dizem respeito aos modos de organização da vida do sujeito, sua produção e sentidos, as quais, o presente estudo se dedicou a compreender. Nesse sentido, pretendemos ter tornado claras as razões que nos levaram a escolher tais programas para o estabelecimento dessa aproximação.

2.2. PROCEDIMENTO PESQUISA

Trata-se de uma Pesquisa Bibliográfica por referir-se diretamente aos conteúdos presentes na produção científica acerca de processos afetos à realidade psicossocial no contexto amazônico presentes em produtos bibliográficos (dissertações e artigos científicos). A pesquisa bibliográfica caracteriza-se pelo olhar apurado sobre estudos já realizados, quando se pretende identificar aspectos específicos referentes a determinado tema. Contudo, sua operacionalização exige clareza quanto aos métodos de organização utilizados, devendo ser explicitados pelo pesquisador todos os passos a serem seguidos de modo a possibilitar o alcance dos objetivos propostos.

Definimos previamente, no primeiro momento da pesquisa (2009/2010), alguns critérios de inclusão de material a compor o escopo da presente pesquisa – o *corpus* de análise – de modo a não incluir uma vasta gama de produtos sem interesse prático ao estudo e nem deixar de considerar aqueles cuja importância é mister à compreensão do fenômeno. Partindo de tais considerações, adotamos os seguintes critérios a saber:

1º) Inclusão do material segundo os Programas de Pós-graduação selecionados: serão considerados somente trabalhos vinculados aos programas de pós graduação Educação, Sociedade e Cultura Amazônica, e História.

2º) Inclusão do material que contenha temática referente à identidade, organização dos modos de vida na Amazônia, aspectos referentes à história, cultura e ao trabalho no Amazonas;

3º) ter sido produzido e/ou publicado no período estabelecido – 2006 a 2008.

2.3. MÉTODO DE ANÁLISE

No que se refere aos aspectos quantitativos realizamos distribuição de frequência simples subsidiada com cálculos de medida de tendência central, a saber, média e moda, pelo fato destas medidas servirem como indicadores para determinar prevalência/incidência do fenômeno sobre determinado aspecto (LEVIN, 1987). Tendo sido analisadas as distribuições de frequência por programa, separadamente, e na produção conjunta dos três programas.

Acerca dos aspectos qualitativos, conforme anunciado, adotamos o método de Análise de Conteúdo Temático. Este método implica na sistematização dos conteúdos frente a um texto complexo, fazendo sua análise a partir do texto concreto ao seu contexto social. Segundo Bardin (1977), esta proposta de análise permite o estabelecimento de unidades textuais manejáveis, permitindo alcançar uma representação simbólica.

Segundo a mesma autora, ao tratar o material está se fazendo a codificação, a qual equivale a uma transformação dos dados, de modo que seja possível atingir uma representação do conteúdo. Nesse sentido, empregamos como unidade de registro o tema, que se refere à análise temática.

Realizar uma análise temática como propõe Bardin, “[...] consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõe a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido” (IDEM, p. 99).

Desse modo trabalhamos com um sistema aberto, em que apesar de seguirmos uma trilha traçada em um momento anterior, onde as categorias emergiram e foram definidas a partir das leituras dos resumos dos trabalhos selecionados, continuamos abertos à possibilidade novas categorias surgirem. Esse processo de análise implica ao pesquisador uma constante ida e volta do material de análise à teoria (FRANCO, 2005).

A análise de conteúdo se divide em três etapas:

- a) Pré- análise: consiste na leitura exaustiva dos dados para verificação dos conteúdos que emergem.
- b) Exploração dos dados: momento em que se dá uma visibilidade inteligível para os dados dispondo-os em categorias criadas segundo o que for verificado como conteúdo emergente.
- c) Interpretação dos dados: etapa em que o pesquisador vai dar significação aos dados a partir de escolha teórica, no caso a Psicologia Sócio-histórica.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise foi desenvolvida à luz da Psicologia sócio-histórica, articulada com suas categorias subjetividade e identidade, referencial teórico adotado, bem como encontrou na análise de conteúdo temática, ferramenta útil para desvelar algumas categorias que se relacionam à subjetividade e identidade amazônica presentes nas produções de três programas de pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas (Educação, Sociedade e Cultura e História).

Ressaltamos que as categorias a serem apresentadas, já são familiares em decorrência de breve exposição em pesquisa anterior, todavia, elas aparecem agora explicitando algumas de suas nuances, visto que complexas não podem ser esgotadas. Entre essas já conhecidas, uma nova categoria foi tomando forma e emergiu desse processo.

O trabalho de análise mais uma vez se mostrou muito rico, com a possibilidade ainda de engendrar diversos desdobramentos. Não obstante, à luz do referencial teórico, da temática e da proposta em questão, discutiremos as categorias e sub-categorias que emergiram na produção científica dos anos de 2006 a 2008, salientando que a subjetividade e identidade amazônica, que aqui foram categorizadas, surgem a partir da produção de conhecimento de um outro sobre o contexto local e seus habitantes, e não diretamente dos sujeitos de quem iremos falar.

Algo importante a ser anunciado refere-se à complexidade de tais categorias, que apesar de serem apresentadas de modo separado, elas se atravessam incessantemente, sendo difícil falar de uma sem que outra não esteja implicada.

Desse modo, apresentamos as categorias: I- Realidade social marcada pela vivência da diversidade; II- Desconsideração/desvalorização de especificidades culturais; III- Consideração/valorização de especificidades culturais; IV- Contexto amazônico e relações de trabalho; V- Características geográficas da região; VI. Atribuições historicamente construídas

e tidas como naturais. A seguir apresentamos as categorias organizadas, conceituadas e qualificadas, como produto do processo investigativo. Veja-se:

I- Realidade social marcada pela vivência da diversidade

“Em Manaus, a produção da onda local do forró, que não é um ritmo tipicamente regional, encontrou um ambiente propício de divulgação em virtude da forte identificação com a região nordeste” (CAVALCANTE, 2007, p. 18)

Através desta categoria podemos visualizar uma realidade que, historicamente, tem se caracterizado por abrigar uma forte pluralidade social, com a presença de diversos grupos culturais, o que tem produzido distintos processos subjetivos, que se expressam nas relações, nas produções materiais, nas manifestações culturais, não obstante, essa multiplicidade também produziu e ainda hoje produz muitas tensões, por também haver uma dificuldade em lidar com estas diferenças. Assim, podemos observar que os diversos sujeitos tem se constituído e constituindo uns aos outros a partir das particularidades e das diferenças, bem como tem ocorrido muitas transformações, reformulações ou mesmo reafirmações no modo de ser/pensar, viver, agir. É possível contemplarmos essa questão no seguinte exemplo:

“No contato, as culturas se misturavam, e o branco também adquiria outros hábitos, fazendo com que o novo modo de vida começasse a dar um formato, uma característica própria à nova terra” (MELO, 2006, p. 15).

Distintos grupos culturais – uma realidade que tem se constituído através da diversidade social. Nesse sentido, são vários os grupos culturais na região, todavia, ao que parece, estão entre os povos indígenas os habitantes mais antigos da região, os quais abrigam diversas etnias, cada qual com suas particularidades culturais. Então, a população amazônica

resulta de um processo de miscigenação, principalmente, de povos indígenas, portugueses e nordestinos, engendrando processos psíquicos únicos nas diversas relações dos sujeitos e produções.

Rupturas culturais – decorre também dessa multiplicidade social e conseqüentemente subjetiva, rupturas em modos de ser, estar e produzir estabelecidos no decorrer da história, em que novos processos subjetivos também se instauram. Relevante ressaltar, que muitas rupturas houveram que não favoreceram certos grupos, pela falta de sensibilidade em conviver com a diferença, como citado anteriormente.

Abertura ao novo – por outro lado, diante desse processo, verifica-se que existe nesse espaço uma configuração que permite uma abertura ao novo, que acolhe o outro em sua diversidade, permitindo que novas e saudáveis relações se estabeleçam desses encontros.

II- Desvalorização de especificidades regionais/culturais

A categoria em questão tem mostrado a presença marcante de uma desvalorização de especificidades culturais locais, sobretudo, é uma construção histórica e social a partir do olhar de grupos culturais que vieram de outros lugares para habitarem a região, muitas vezes carregados de valores distintos dos aqui são produzidos, bem como de próprios moradores da região, que em seus processos de constituição são marcados por uma atribuição negativa ao que é relacionado à região. Nesse sentido, a presença desse olhar que deprecia as características que singularizam as expressões regionais e culturais, sem dúvida, marca as subjetividades e identidades que aqui se constituem.

Durante muito tempo, o canal iniciou sua programação, mostrando imagens da natureza amazônica, florestas, rios. [...] Na realidade a opinião pública tende a visualizar apenas as florestas e os rios, como se fosse somente isso. A Amazônia é

muito mais do que isso. É óbvio que estamos aqui na maior biodiversidade do mundo. E na verdade o Amazon Sat passou por um processo de amadurecimento e cada vez mais buscou uma programação diversificada, hoje, a grade é composta por 40 programas, que falam desde educação, saúde, culinária, nós temos a linha de documentários, temos os nossos telejornais, mas também temos um que fala sobre arquitetura, temos um que fala sobre os empreendimentos imobiliários e outro sobre as vendas” (LUCIANO MAIA apud NICOLAU, 2009, p. 56).

Relações verticalizadas/impositivas – a desvalorização de especificidades regionais/culturais se materializa através de relações que se estabelecem de forma verticalizadas em diversas esferas (educação, trabalho, cultura), pois se dão de forma impositiva, visto que as peculiaridades são consideradas destituídas de valor. Assim, saberes, valores tem sido, historicamente impostos, sem pensar a demanda que os distintos sujeitos e realidades exigem.

Predominância da perspectiva da cultura global – observamos na configuração da sociedade atual a presença de uma cultural que pode ser considerada global pois ancorada nos ideais capitalistas difunde valores, modos de ser, estar e produzir que são colocados como ideais, portanto, aos que não o acompanham, o lugar do atraso, obsoleto lhe é destinado. Nesse sentido, percebemos muitos dos sentidos pejorativos construídos partem dessa perspectiva.

Tensões entre o local e o global – algo que aparece então desse processo, é uma constante comparação entre as produções subjetivas e materiais dos sujeitos, como se não fosse possível produções que agreguem valores positivos, sendo uma necessidade se adequar aos padrões tidos como ideais. Essas tensões acontecem no âmbito da educação, do trabalho, expressões culturais, como a música, por exemplo.

Conflitos culturais – os impactos da desvalorização de especificidades que caracterizam a região e a cultura local desembocam em diversos conflitos culturais, desorganizando os espaços, as relações, assim como, os modos de ser, estar e produzir.

Invisibilidade das populações tradicionais – essa desvalorização, por muito tempo, relegou as populações tradicionais à invisibilidade, a um lugar que os subjuga, e que não é possível visualizá-los enquanto sujeitos.

III- Valorização de especificidades culturais

“Nesse campo aparentemente dominado pelo poder global trava-se, na verdade, uma luta de forças assim configurada: os estigmas regionais brigando por visibilidade, num espaço em que os estigmas universais são os mais visíveis” (CAVALCANTE, 2007, p. 20)

A presente categoria, refere-se à presença de um movimento de valorização de especificidades culturais locais tanto no sentido de valorizar algo que seria peculiar da região bem como de defender uma nova posição diante de uma postura histórica de atribuir um valor negativo e depreciativo a uma subjetividade e identidade amazônica. Faz-se necessário salientar que, por se constituir como incipiente esse processo, a valorização se restringe a alguns espaços apenas ou situações, como na educação, por exemplo. O que acaba por impactar os modos de subjetivação e as identidades. Então os desdobramentos desse movimento podem ser observados nas seguintes sub-categorias:

Relações horizontais – novas relações são estabelecidas a partir desses movimentos de dar outros sentidos as especificidades regionais/culturais, são relações em que o outro passa a ser respeitado na sua singularidade e enquanto sujeito. Os modos de ser, estar e produzir são considerados e são incentivados, como no caso de comunidades tradicionais.

[...] as populações tradicionais, junto com instituições organizações governamentais e não-governamentais, têm desenvolvido mecanismos de gestão coletiva ou co-gestão dos recursos naturais, integrando práticas históricas de uso dos recursos com experiências inovadoras construídas em conjunto com as populações usuárias dos recursos (BRAGA et al, 2007, p. 113-114)

Olhar contextualizado – um novo olhar começa a se constituir, sobretudo, no espaço acadêmico, em que os sujeitos amazônicos são contemplados a partir do lugar que estão inseridos e não mais a partir de um olhar hegemônico em que suas peculiaridades são desvalorizadas.

Luta por respeito às especificidades regionais/culturais – algumas etnias vem reivindicando processos educativos diferenciados, em consonância com a sua realidade cultural.

“[...] os movimentos organizados dos povos indígenas, entre outros, vêm historicamente, empreendendo lutas para garantir, de fato, uma escola voltada para seus interesses e realidades” (MORAES et al, 2006, p. 70).

Reconhecimento dos saberes tradicionais – os saberes tradicionais ganham um novo lugar, de reconhecimento, por produzirem relações que não afetam a natureza. Não há dúvidas, que esse olhar impacta as subjetividades e identidades construídas, já que nos constituímos nas relações sociais e através do olhar do outro.

“O conhecimento das populações locais sobre o ambiente e suas habilidades configura-se como uma tradição perpassada através de gerações, criando identidades específicas de um povo que utiliza os recursos de forma racional” (RAMOS et al 2007, p. 132).

IV- Contexto amazônico e relações de trabalho

É possível percebermos que tal categoria apresenta uma realidade em que as relações de trabalho são marcadas pela presença constante de uma certa desqualificação acompanhada de uma urgência em acompanhar o ritmo de outras regiões, e que trazem como resultados a estigmatização dos sujeitos que aqui vivem e que constroem, e de igual são construídos a partir da história da região.

Profissional local desqualificado – os trabalhadores que não correspondem ao perfil que a cultura globalizada exige, acabam por serem marginalizados e estigmatizados. E, essa sub-categoria expressa o que aconteceu e ainda acontece em relação aos trabalhadores dos espaços rurais, ou ainda os que se situam entre as fronteiras entre o rural e o urbano, em que as inscrições que a realidade exige são outras, portanto, os sentidos de trabalhar se revelam diferenciados também.

“A utilização dos recursos ícticos por populações humanas foi e continua sendo fundamental para a reprodução e sobrevivência do homem rural amazônico” (BRAGA et al, 2007, p. 108)

Prática profissional a partir de um modelo dominante - o modelo hegemônico de ser, estar e produzir impacta profundamente as relações de trabalho. Nesse sentido, uma constante que se estabelece é a tentativa de acompanhar o ritmo de trabalho dominante, que se diferencia qualitativamente, do ritmo de vida dos ribeirinhos por exemplo.

Manaus como possibilidade de trabalho e melhores condições de vida – a capital com a economia em expansão, surge como uma alternativa para se estabelecer uma nova vida, em que muitas oportunidades de trabalho encontram-se abertas.

A escolha da cidade de Manaus como alternativa de migração, ou a permanência temporária em outras cidades do interior do Amazonas, no itinerário migratório dos peruanos, na maioria dos casos analisados, deu-se por aquela mesma ‘ilusão do fausto’ (DIAS, 1999), do ideário de crescimento econômico e do pseudo-progresso que fascinou igualmente a tantos migrantes nacionais, provenientes de outras regiões do Brasil, e muitos estrangeiros (OLIVEIRA, 2006, p. 159).

V- Características geográficas da região

Esta categoria diz respeito aos fatores geográficos que incidem na construção da subjetividade e identidade amazônica, conferindo distintas relações em variadas dimensões. Desse modo, percebemos como a proximidade com a natureza, estabelece um novo, portanto, singular modo de agir na realidade, e conseqüentemente, emerge um espaço em que são produzidos sentidos diferentes de se relacionar com ela. Nesse sentido, a concepção de psique enquanto cultural (GONZÁLEZ REY, 2005) se “materializa”.

A região pelo sua localização geográfica acaba aparecendo enquanto uma **região isolada do Brasil**, e na tentativa de superar tal isolamento são feitos esforços em várias dimensões, por exemplo:

O canal temático Amazon Sat foi criado a partir de um programa de satélite implantado pela Embratel, sob a finalidade de “terminar o isolamento da Amazônia, dando a esta região as mesmas oportunidades de informações, notícias e entretenimento como no restante do país” (BAZE, 2002, p.78 apud NICOLAU, 2008, p. 50).

Ambiente como organizador da vida social

[...] as crenças populares e os tabus que povoam o imaginário e a vida cotidiana dos caboclos-ribeirinhos [...] geralmente estão associadas a uma atitude punitiva em face dos abusos cometidos por pescadores ou caçadores, funcionando como um mecanismo de controle ambiental, que favorece o equilíbrio ecológico” (PANTOJA et al, 2006, p. 101).

Podemos perceber, que a forma de vida dos caboclos ribeirinhos está organizada de tal forma que produz outros valores, formas de viver, de se relacionar. Assim, considerando, as configurações da sociedade ocidental atual, em que existem definições de certas formas de ser/estar no mundo, de valores, além de que também possuem um funcionamento que se encontra em constante expansão e movimento, sempre em busca de mais participantes, esta subjetividade, chega até a região, rompendo com as relações até então estabelecidas e produz novas subjetividades e identidades.

A **natureza tida como riqueza** é uma sub-categoria em que a configuração geográfica se transforma em um das bandeiras da região, que identifica os lugar e os sujeitos que aqui vivem, atraindo olhares para sua beleza, e também conferindo uma condição de exótico. Nesse sentido, os diversos sentidos que esse olhar pode engendrar pode constituir as subjetividades e identidades amazônicas.

VI- Atribuições construídas historicamente e tidas como naturais

Essa categoria foi delineada para ilustrar como a constituição dos sujeitos nesse espaço é marcada por atribuições que vem sendo construídas no decorrer da nossa história, produzindo diversos desdobramentos negativos, estigmatizantes, como olhares em que os

sujeitos surgem dotados de uma natureza, portanto, destituídos de processo que se dá em movimento.

Culturas locais tidas como inferiores - principalmente os povos indígenas e populações tradicionais surgem nos discursos produzidos socialmente como dotados de uma natureza primitiva, inferior, ainda que isso já venha sendo desconstruído, marca social e historicamente esses sujeitos.

Eles mesmos...nunca tive problemas...ai porque sou índio,só porque eu sou desse jeito...Não, graças a Deus. Mas eles têm dificuldades na aprendizagem. Porque eu acho assim...o tipo de vida que levam é bem diferente e quando você passa certas situações dentro da sala de aula em termos de conteúdo, ou é falta de interesse...é porque eles não conseguem mesmo assimilar tudo o que o professor tá querendo explicar.Mas existe uma dificuldade” [professora I., da 3ª série] (FREIRE, 2006, p. 87)

Intensa sensualidade – aparece como uma característica natural principalmente das mulheres, essa sensualidade também se expressa nas artes como a música, “[o] forró produzido pelas bandas amazonenses possui letra e dança mais eróticas do que o tradicional forró nordestino” (CAVALCANTE, 2007, p. 19), e também na forma que as mulheres são vistas através do olhar tanto de homens como de mulheres de fora.

“[...] a mulher [aparece com] uma conotação erótica, a cabocla, e para o homem uma notação de virilidade. Quando se fala em mulher amazônica, pelo contrário, o motivo de virilidade muda de lado e passa a ser uma qualidade feminina” (MARQUES, 2007, p. 41).

População ociosa – é outra atribuição que marca profundamente os sujeitos que aqui nascem e vivem, como se fossem dotados de uma natureza que os caracteriza como inferior, por não corresponder a um modelo hegemônico, que também é tido como natural.

Mas eu estou falando como amazonense, eu sou daqui, sou do interior, e o que eu

observei é que as pessoas de fora vinham com aquela coisa, que “você aqui são inferiores”, e se deixou, aceitou isso aí... [...] a questão da auto-estima, e perguntei uma vez aqui na escola: “Mas por quê tem essa reação aqui, a pessoa fica parada?”. Falaram assim: “É porque o pessoal daqui é ribeirinho”. Eles já são assim mesmo, é parte da cultura, aceitar, ficar calado... [...] confirmou a coisa que eu sentia desde a minha infância... [...] aqui é o caboclinho, aqui é o ribeirinho... (E. e A. – 13/02/2006, MARQUES, 2007, p. 41)

Para ilustrar a dimensão quantitativa de tais categorias e de como elas aparecem nas produções construímos algumas tabelas:

Tabela 1

Programas de Pós-graduação	Dissertações	Artigos
Educação	9	2
História	4	-
Sociedade e Cultura	9	9
Subtotal	21	11
Total	32	

A tabela 1 refere-se ao quantitativo final de produções científicas (dissertações e artigos) que analisamos no sentido de ampliar os sentidos das categorias levantadas e, de igual modo, fundamentar nossas análises.

Tabela 2

I. REALIDADE SOCIAL MARCADA PELA VIVÊNCIA DA DIVERSIDADE			
SUB-CATEGORIAS	PPGE	PPGH	PPGSCA
Rupturas culturais	6	3	
Distintos grupos culturais	9	4	1
Realidade social desafiadora	4		
Abertura ao novo/outro		1	1
Relações de dominação	6	3	

Tabela 3

II. DESVALORIZAÇÃO DE ESPECIFICIDADES REGIONAIS/CULTURAIS			
SUB-CATEGORIAS	PPGE	PPGH	PPGSCA
Relações verticalizadas/impositivas (educação, trabalho, cultura)	7	4	9
Predominância da perspectiva da cultura global	5	1	5
Conflitos culturais	5	3	1
Tensões entre o local e o global	1	1	4
Invisibilidade das populações tradicionais	2	1	3

Tabela 4

III. VALORIZAÇÃO DE ESPECIFICIDADES REGIONAIS/CULTURAIS			
SUB-CATEGORIAS	PPGE	PPGH	PPGSCA
Relações horizontais	5		4
Olhar contextualizado	6	1	3
Luta por respeito às especificidades regionais/culturais	6	1	3
Reconhecimento dos saberes tradicionais	6	1	2

Tabela 5

IV. CONTEXTO AMAZÔNICO E RELAÇÕES DE TRABALHO			
SUB-CATEGORIAS	PPGE	PPGH	PPGSCA
Profissional local desqualificado	1	3	2
Práticas profissionais a partir de um modelo dominante	3	2	7
Manaus como possibilidade de trabalho e melhores condições de vida	1	1	1

Tabela 6

V. CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS DA REGIÃO			
SUB-CATEGORIAS	PPGE	PPGH	PPGSCA
Região isolada do Brasil	2	2	4
Natureza tida como uma riqueza		2	3
Ambiente organizador da vida social	4		4

Tabela 8

VI. ATRIBUIÇÕES HISTORICAMENTE CONSTRUÍDAS E TIDAS COMO NATURAIS			
SUB-CATEGORIAS	PPGE	PPGH	PPGSCA
Culturas locais tidas como inferiores	7	3	12
Intensa sensualidade			2
População ociosa	1	3	5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que parece chegamos ao fim de um caminho percorrido no decorrer destes dois anos de pesquisa, em que empreendemos alguns mergulhos em algumas produções científicas de três programas de pós-graduação *strictu sensu* da Universidade Federal do Amazonas, a saber, Educação, História e Sociedade e Cultura na Amazônia, nos lançando ao encontro de novos olhares, até então, e aparentemente, distantes.

Tais aproximações, ancoradas na Psicologia sócio-histórica, referencial que não apenas permite, mas nos impulsiona nesses mergulhos em outros saberes, por compreender a complexidade inerente aos processos de constituição dos sujeitos imersos nas distintas produções culturais, revelaram-se, sobretudo enriquecedores, visto que conseguimos visualizar alguns movimentos do complexo, plurideterminado, processual, contraditório, sistema em desenvolvimento das subjetividades e identidades amazônicas (GONZÁLEZ REY, 2005).

Retornando aos propósitos do presente estudo que teve como objetivo geral analisar em profundidade e qualificar, à luz dos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, a presença das categorias *Subjetividade* e *Identidade Amazônica* na produção científica previamente identificada em três programas de pós-graduação *strictu sensu* da Universidade Federal do Amazonas, no período de 2006 a 2008, através da análise de conteúdo temática, nossa ferramenta metodológica, acreditamos que conseguimos alcançar os objetivos propostos, e visualizar nuances acerca de como as categorias subjetividade e identidade amazônica se situam nas produções científicas.

Nesse sentido, partindo da análise de dados anterior em que identificamos a presença de cinco grandes categorias (uma sexta categoria emergiu nesse processo), I. Realidade social marcada pela vivência da diversidade; II. Desvalorização de especificidades

regionais/culturais; III. Valorização de especificidades regionais/culturais; IV. Contexto amazônico e relações de trabalho; V. Características geográficas da região, uma nova categoria surgiu durante as análises, VI. Atribuições historicamente construídas e tidas como naturais, foi possível vislumbrarmos como as subjetividades e identidades que estão sendo produzidas e produzindo nesses espaços carregam uma marca de um olhar, baseado em padrões culturais hegemônicos, que não tem conseguido dar conta da diversidade que permeia os sujeitos e suas relações, ou ainda, de como um conjunto de dimensões (culturais, históricos) também estão envolvidas nesse processo, interferindo assim nos modos de ser, estar e produzir no mundo.

Outro aspecto que devemos esclarecer refere-se a possibilidade de nas leituras a esse trabalho surgirem inquietações acerca de uma ênfase que pode ser nomeada como negativa, levantando questionamentos sobre a existência de aspectos que podem ser considerados positivos. Na verdade, não negamos uma dimensão em detrimento da outra, mas nos atemos ou enfatizamos tal característica por acreditarmos que esses olhares naturalizantes e reducionistas urgem ser superados, pois tem impedido que se instaurem outros processos subjetivos, em que se vislumbrem as potencialidades dos sujeitos amazônicos.

Assim, não podemos deixar de expressar, que pela natureza do referencial teórico, o qual contempla um enfoque histórico-cultural, em que a *psique* e a ação humana encontram-se vinculadas (GONZÁLEZ REY, 2005), sendo nocivo isolá-las, a risco de se ter uma compreensão simplista, indicamos que tais categorias podem expressar sentidos e significados construídos no processo histórico-cultural.

Entendemos que a presente pesquisa pela riqueza e complexidade da temática, assim como do referencial teórico adotado, pode nos ajudar a pensar a construir novos caminhos na forma de compreender e estudar os sujeitos que aqui vivem, na sua multiplicidade, mas também na sua singularidade, sem deixar de considerar a realidade material a que, também

estamos expostos, dos diversos repertórios que nos constitui e que também constituímos a partir dela, sendo isso um processo incessante de transformação.

Deste modo, a intenção foi cooperar para que a Psicologia avance enquanto ciência de interface com outras áreas do saber, pois ao tornar suas fronteiras permeáveis, amplia as possibilidades de estudar o indivíduo e o contexto de suas relações sociais. Além disso, ao estimular a troca de saberes entre os diversos campos de estudo, contribui para que se possa trilhar uma nova trajetória na construção do conhecimento amazônico.

Finalizamos então, anunciando que o caminho não tem um fim, um destino a que se chega e que se pode permanecer, na verdade, uma trajetória foi trilhada mas outras foram e podem ser vislumbradas. Ou ainda, mergulhamos nesses rios, tão caros a nós, e fazendo uma referência a Heráclito “não podemos entrar duas vezes no mesmo rio”, visto que na próxima vez nem nós assim como ele seremos os mesmos (GAARDER, 1995).

Isso nos instiga a pensar o homem em movimento, ainda que algo se mantenha. Precisamos nos libertar desses estigmas aprisionantes. Afinal, somos também a partir do olhar do outro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais em Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ALMEIDA, A. W. B. de. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8/Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

BARDIN, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

BERNARDES, A. G.;HOENISCH, J. C. D. Subjetividade e identidade: possibilidades de interlocução da Psicologia Social. In: GUARESCHI, N. M. F.; BRUSCHI, E. (orgs.) **Psicologia Social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio- Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRAGA, T. M. P; BARROS, J. F.; CHAVES, M. do P. S. R. *Pesca e conflitos sócio-ambientais na Amazônia Central: estudo em uma área com manejo comunitário*. In.: **Somanlu**: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 7, n. 1, jan./jun. 2007 (p. 107-119).

CAVALCANTE, Elizabeth D. *Indústria fonográfica no Amazonas: subjugação aos padrões globalizados e realização da liberdade possível*. In.: **Somanlu** Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 7, n. 1, jan./jun. 2007 (p. 9-25).

CHAVES, M. P. S. R. & RODRIGUES, D. C. Manejo de recursos naturais por populações ribeirinhas no Médio Solimões. In.: **Somanlu**: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 7, n. 1, jan./jun. 2007 (p. 141-151).

CIAMPA, A. da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina**. – São Paulo: Brasiliense, 2005.

CIAMPA, A. da Costa. Identidade. In: LANE, S. T. M; CODO, W. (orgs.). **Psicologia Social: O homem em movimento**.13 Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COSTA, C.R.B.S.F . Entre Caminhos e Descaminhos. Os desafios na Construção de um Projeto Pedagógico para a Formação de Psicólogos na Universidade do Amazonas. **Amazônida**, Manaus, v. 2/1, p. 59-71, 2002.

COSTA, C.R.B.S.F . Subjetividade e Cultura no Amazonas. Desafios à Psicologia no Admirável Mundo Verde. In: I Congresso Latino Americano de Psicologia, 2005, São Paulo. Anais do I Congresso Latino Americano de Psicologia, 2005.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400006&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Jan. 2010. doi: 10.1590/S0102-71822007000400006.

FRANCO, Maria L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2 Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FREIRE, Maria do Céu B. *A criança indígena na escola urbana: desafio intercultural*. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal do Amazonas, 2006.

GAARDER, J. O mundo de Sofia: romance da história da filosofia. Trad. João A. Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

_____. **O Social na Psicologia e a Psicologia Social: A emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Características da Subjetividade como Objeto da Pesquisa Qualitativa em Psicologia. In: **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. Tradução de Marcel A. F. Da Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

(<http://www.ppgsc.ufam.edu.br/apresentacao.html>, acessado em 23/05/2009)

(<http://www.ppge.ufam.edu.br/apresentacao.html>, acessado em 23/05/2009)

(<http://www.ppgsocio.ufam.edu.br/apresentacao.html>, acessado em 23/05/2009)

(<http://www.ppggh.ufam.edu.br/apresentacao.html>, acessado em 23/05/2009)

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz T. da S. & Guacira L. Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LANE, Silvia T. M. A Psicologia Social e uma Nova Concepção de Homem para a Psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13 Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LEVIN, J. **Estatística Aplicada a Ciências Humanas**. São Paulo: Editora Harbra, 1987.

MARQUES, Alexandre de O. *As representações sociais de nordestinos em Manaus sobre o caboclo amazônico*. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - Universidade Federal do Amazonas, 2007.

MELO, Lucynier A. O. **A vivência individual do sagrado e do místico na Amazônia**. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 6, n. 1 (jan./jun. 2006).

MENDES, D. A. D.; PAULINO-FERREIRA, F. C.; SOARES, S. R. A identidade de mulheres após experiência de violência sexual na infância e/ou adolescência. **Interseção**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 31-41, abr. 2008.

MORAES, A. A. de A.; COSTA, V. A. das C.; SANTOS, E. F. dos.; MELO, R. F. dos S. **Currículo e educação escolar Mura: partilhando aprendizagens**. Amazônida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Ano 1, n. 1. P. 57-76, jan./jun. Manaus: Edua, 2006.

NICOLAU, Ana C. B. *Comunicação e educação: amazon Sat - a cara e a voz da Amazônia*. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal do Amazonas, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis F. P. *Educação e identidade indígena: um estudo de caso sobre os limites e possibilidades da educação na (re)construção e reafirmação da identidade Mura*. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal do Amazonas, 2007.

OSÓRIO, J. M. F. Ética e construção social da libertação latino-americana. In: GUZZO, R. S. L. & LACERDA JUNIOR, F. (orgs.). **Psicologia Social para a América latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. Campinas, SP: Alínea, 2009.

PANTOJA, G. G.; FRAXE, T. de J. P.; WITKOSKI, A. C. *Vidas molhadas: um estudo socioambiental de comunidades ribeirinhas da várzea amazônica*. **Somanlu**: Revista de Estudos Amazônicos do programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 6, n. 1 (jan./jun. 2006).

PEDRO, Wilson J. A. **O estudo da identidade no âmbito da Psicologia social brasileira**. Revista Uniara, n.16, p. 109-116, 2005.

RAMOS, P. M. de S; FRAXE, T. de J. P; SILVA, S. C. P. da; WITKOSKI, A. C. *Etnoconhecimento de pescadores na Amazônia Central: estudo de três comunidades nos lagos Grande e São Lourenço, Manacapuru (AM)*. In.: **Somanlu** Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 7, n. 2, jul./dez. Manaus: EDUA, 2007

RATNER, C. O que é Psicologia da Libertação? É psicologia cultural. In: GUZZO, R. S. L. & LACERDA JUNIOR, F. (orgs.). **Psicologia Social para a América latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. Campinas, SP: Alínea, 2009.

SAWAIA, B. Identidade – uma ideologia separatista. In: SAWAIA, B (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SETTON, M. da G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.

SILVA, R. S. **A invenção da Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.